



CONTRIBUIÇÕES GEOGRÁFICAS

Fillipe T. P. Torres
Ricardo de S. Dagnino
Antonio de Oliveira Jr.
organizadores



Geographica
2009



**CONTRIBUIÇÕES
GEOGRÁFICAS**

Fillipe Tamiozzo Pereira Torres
Ricardo de Sampaio Dagnino
Antonio de Oliveira Jr.
(Organizadores)

**CONTRIBUIÇÕES
GEOGRÁFICAS**



Geographica
2009

Fillipe Tamiozzo Pereira Torres, Ricardo de Sampaio Dagnino e Antonio de Oliveira Jr. (Org.), 2009.

Copyright © Geographica, Consultoria, Estudos e Projetos Ambientais LTDA.

Ruas São José, 315 / 201 Centro – Ubá / MG – CEP 36500-000.

ISBN 978-85-61911-03-4

Produção da Multimídia

Fillipe Tamiozzo Pereira Torres

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na fonte

A693 Contribuições Geográficas / Fillipe Tamiozzo Pereira Torres, Ricardo de Sampaio Dagnino e Antonio de Oliveira Jr. (organizadores). – Ubá: Ed. Geographica, 2009.

iv, 542 f.: il.

ISBN 978-85-61911-03-4

1. Geografia.
2. Geografia Física. 3. Geografia Humana.
- I. Título

CDD- 910

SUMÁRIO

- 9 *SOBRE OS AUTORES*
- 13 ENTREVISTA COM CARLOS AUGUSTO DE
FIGUEIREDO MONTEIRO: DEPOIMENTO DE UM
GEÓGRAFO DA SEGUNDA METADE DO SÉC. XX
Ricardo de Sampaio Dagnino
Marcos Wellausen Dias de Freitas
- 47 A GEOECONOMIA DOS ESPAÇOS REGIONAIS
TRANSNACIONAIS
Elói Martins Senhoras
- 77 DESENVOLVIMENTO LOCAL E ESTRATÉGIAS DE
SOBREVIVÊNCIA DE COMUNIDADES DE PESCADORES
NO LITORAL NORTE DO ESTADO DO ESPÍRITO
SANTO: O CASO DA VILA REGÊNCIA, LINHARES
Anderson Pereira Portuguesez
- 99 ANÁLISE ESPACIAL DAS ENFERMIDADES: A
SITUAÇÃO DOS FATORES AMBIENTAIS NO
PLANEJAMENTO DO SETOR DE SAÚDE MUNICIPAL
José João Lélis Leal de Souza

- 131 CONTRIBUIÇÕES DAS GEOTECNOLOGIAS NA GESTÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: EXPERIÊNCIAS NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ, AMAZONAS
*Josimara Martins Dias,
Newton Müller Pereira
Adalene Moreira Silva*
- 203 CONTRIBUIÇÕES GEOGRÁFICAS: DA ANÁLISE DE POLÍTICAS E DOS ESTUDOS SOBRE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE AOS ESTUDOS SOBRE A URBANIZAÇÃO BRASILEIRA
Rogério Bezerra da Silva
- 233 BASES GEOGRÁFICAS PARA O ESTUDO DO PATRIMÔNIO NATURAL DO VALE DO MÉDIO TIETÊ - SÃO PAULO SP
Salvador Carpi Junior
- 259 APLICAÇÃO DA FITOGEOGRAFIA AO MAPEAMENTO DA COBERTURA VEGETAL EM ESCALA REGIONAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS COM USO DE GEOTECNOLOGIAS
*Samuel Martins da Costa Coura
Yosio Edemir Shimabukuro
Marcos Wellausen Dias de Freitas*
- 303 MORRO ACIMA: ESPECULAÇÕES SOBRE O TERRITÓRIO A PARTIR DO FILME “ALÉM DA LINHA VERMELHA”
*Juliano da Costa Machado Timmers
Ricardo de Sampaio Dagnino*

- 327 ESTUDOS INTEGRADOS DA PAISAGEM: ABORDAGENS COMPLEXAS DO ESPAÇO GEOGRÁFICO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
Marcos Wellausen Dias de Freitas
- 391 O PROCESSO DE FORMAÇÃO E EXPLORAÇÃO DA ILHA DE SINTROPIA DE BAUXITA EM ITAMARATI DE MINAS, ZONA DA MATA MINEIRA
Brunna Rocha Werneck
Edson Soares Fialho
- 425 INCIDÊNCIAS DA CADEIA PRODUTIVA DOS HIDROCARBONETOS SOBRE O ESPAÇO TURÍSTICO DE PONTAL DO IPIRANGA (LINHARES – ES)
Guilherme Scarpi Néspoli
Anderson Pereira Portuguesez
- 451 ANÁLISE AMBIENTAL POR GEOPROCESSAMENTO EM ÁREAS COM POTENCIAL PARA PECUÁRIA LEITEIRA NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIBEIRÃO DO ESPÍRITO SANTO – JUIZ DE FORA – MG
André Luiz Lopes de Faria
- 471 CONTRIBUIÇÕES GEOGRÁFICAS A PARTIR DO FILME A VILA: APONTAMENTOS SOBRE PAISAGEM E DISCURSO AMBIENTAL MODERNO
Antonio Carlos Queiroz Filho
- 503 PERFIL DOS INCÊNDIOS EM VEGETAÇÃO NOS MUNICÍPIOS DE JUIZ DE FORA E UBÁ – MG, DE 2001 A 2007
Fillipe Tamiozzo Pereira Torres
Leandro Nicolato Moreira
Guido Assunção Ribeiro

521 CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA NO ENTORNO DA
USINA HIDROELÉTRICA SERRA DO FACÃO (GO)

Rafael de Á. Rodrigues

Geisimara A. de Oliveira

André L. L. de Faria

Antonio de Oliveira Jr.

MORRO ACIMA: ESPECULAÇÕES SOBRE O TERRITÓRIO A PARTIR DO FILME “ALÉM DA LINHA VERMELHA”

*Juliano da Costa Machado Timmers
Ricardo de Sampaio Dagnino*

*O espaço é a “prisão original”, o território é a
prisão que os homens constroem para si.*

Claude Raffestin

*A apreciação da paisagem é mais pessoal e
duradoura quando está mesclada com
lembranças de incidentes humanos.*

Yu-fu Tuan

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo analisar as múltiplas concepções de território através dos personagens do filme “Além da linha vermelha”. Trata-se de um texto com caráter bastante especulativo que também aponta para problemas relacionados à construção da identidade do sujeito e de como esta construção tem ligações intrínsecas com elementos geográficos.

O filme por sua vez é uma produção estadunidense lançada em 1998 e dirigida por Terrence Malick. Nosso objetivo aqui é demonstrar como o filme pode ser utilizado como um instrumento para discutir os múltiplos enfoques humanos sobre o espaço geográfico, mais especificamente o território. Em especial, procuramos analisar as referidas contradições entre as diferentes perspectivas dos personagens na sua relação com o espaço geográfico, destacando que estas tornam-se maiores na medida em que o conflito territorial que o filme retrata se intensifica.

O contexto do filme envolve a batalha de Guadalcanal ocorrida nas ilhas Salomão, no Oceano Pacífico, em 1942 durante a etapa final da Segunda Guerra Mundial. No combate, os aliados buscavam revanche contra o ataque japonês à *Pearl Harbor*. A ilha na verdade funcionava como um entreposto das forças japonesas que deveria ser neutralizado para que as operações de guerra dos aliados pudessem ocorrer com mais segurança.

Não é nosso interesse aqui realizar uma crítica de cinema, apenas partimos do filme para analisar as conceituações sobre o território e outros conceitos geográficos afins para posteriormente fazermos um paralelo entre esses conceitos e a visão dos personagens principais do filme. Estamos inspirados nos trabalhos de colegas geógrafos interessados na interface entre Geografia e Cinema como Monteiro (2008), Geiger (2004), Oliveira Júnior (1999, 2002, 2005) e, sobretudo, na afirmação de Queiroz Filho (2009, p.31): “assistir a um filme é uma experiência geográfica”. Cabe notar que o prefixo que escolhemos para dar título a esse texto (*Morro Acima*) é inspirado no texto de Oliveira Júnior (2002) que tem como título *Rio Acima*; cada um dos textos usa como referência uma toponímia muito frequente em cada filme.

No filme *Além da Linha Vermelha*, alguns personagens do filme, diante da violência da guerra, passam a ver transformadas as suas percepções e ações sobre o espaço que os cerca, cada um a sua maneira (essa interpretação é possível ainda que no filme as categorias geográficas não sejam abordadas de forma literal na fala dos personagens). O que se vê objetivamente é um questionamento sobre o expansionismo de sociedades capitalistas avançadas sobre territórios habitados por grupos tribais (no caso os aborígenes da

Oceania) que compulsoriamente tem de adaptar-se a um projeto territorial que não é seu nesse sentido o filme se mostra como um ótimo referencial analítico para pensarmos a geografia.

Estruturalmente dividimos o texto apresentando algumas conceituações da Geografia acerca do território vinculando-o a outros conceitos geográficos tais como paisagem. Em seguida analisamos os personagens do filme e seus contextos sob a luz de algumas das conceituações apresentadas anteriormente. Por fim em nossas conclusões avaliaremos quais as contribuições teóricas podem ser encaminhadas sobre dimensões do espaço geográfico tais como a questão ambiental, aspectos de identidade territorial e espaço público.

ALGUMAS ABORDAGENS CONCEITUAIS EM GEOGRAFIA

Antes de nos dedicarmos à interpretação das perspectivas territoriais dos personagens do filme, convém destacarmos aqui algumas formulações acerca do território em geografia de modo que possamos embasar questões a partir do filme. Consideraremos também, ainda que superficialmente, as relações entre território e guerra.

O conceito de território é comumente confundido com o de espaço. Ainda que nos aprofundemos na discussão, eles diferem entre si de forma muito tênue. Ambos estão ligados ao fenômeno da espacialidade humana. As definições sobre o território podem ser múltiplas, mas há uma tendência às abordagens concordarem com o campo disciplinar que interpreta o mesmo. Por exemplo, para a psicologia ele é fundamental para a construção da identidade do sujeito, a ciência política o destacará no que toca a sua participação nas relações de poder (HAESBAERT, 2004b). Apesar da citada multiplicidade conceitual é consenso, no entanto, que ao território teríamos de associar a idéia do tempo, pois ele nunca é a-histórico. Em outras palavras equivale a dizer que aquilo que é territorial é temporal, dada a indissociabilidade entre espaço-tempo.

Segundo Sposito (2004, p.112), o território “se refere à base geográfica de um Estado, sobre o qual ele exerce a sua soberania e abrange um conjunto de fenômenos físicos (rios, mares, solos) e dos fenômenos decorrentes das ações da sociedade (cidade, portos, estradas...)”. No que concerne ao conflito territorial, o mesmo autor afirma que ele ocorre devido a “uma concepção naturalista do território, que tem mobilizado nações e exércitos para sua conquista” (idem, p. 113), isso em função dele ser tido na visão tradicional como fonte de recursos naturais. Esta perspectiva conduz a um paradoxo bastante latente em tempos de discussão sobre os limites do Estado-nacional. Aí entramos na relação do território com a política.

Considera-se que “é na relação entre política – expressão e modo de controle dos conflitos sociais – e o território – base material e simbólica da sociedade – que se encontram os temas e questões do campo da geografia política” (CASTRO, 2005, p. 41). Essa mediação ainda está por ser feita. A tendência até então é de polarização. Nesse sentido também vale destacarmos as formulações de Gomes que buscando a essência do conflito territorial conceitua dois tipos de relacionamento fundamentais com o território. Um será marcado pela delimitação meramente jurídica do território que se aproxima muito da ideia do território do Estado-nacional moderno, ou seja, do espaço formal onde devem se generalizar determinadas regras, forma de relação esta que o autor chama *nomoespaço*; e uma segunda onde a relação territorial seria delimitada mais pela influência identitária de um grupo, chamada *genoespaço* (GOMES, 2006). Sobre um mesmo território nacional poderíamos perceber inúmeros conflitos entre estas noções ou estratégias territoriais. Isso se dá em decorrência da identidade territorial ser encarada ainda de forma muito incipiente nas discussões sobre o território.

Voltando a concepção naturalista do território, é facilmente observável em abordagens geopolíticas ditas clássicas que a pujança econômica de um Estado sobre o outro pode esgotar a capacidade diplomática para a conciliação de impasses e acabar por levar à eclosão de conflitos armados entre países. A despeito da constituição de uma ordem mundial oriunda de um espaço unificado globalmente, ainda que essencialmente pela via econômica, a ameaça da guerra, segundo Vesentini (2003), é ainda permanente dada a flagrante

assimetria entre Estados do ponto de vista econômico, populacional e militar. Some-se a esses fatores a tendência à homogeneização cultural efetuada pelo processo de globalização, provocando reações, rivalidades entre as diferentes visões de mundo no nível religioso, cultural e cosmológico. Há inclusive autores como Huntington (1997) que afirmam que essas diferenças identitárias citadas seriam a principal causa de conflitos no pós-guerra fria, mas essa é uma afirmação bastante contestável uma vez que os tais choques culturais encobrem interesses econômicos de grupos inseridos nesses conflitos entre nações. A própria guerra estaria submetida à sagacidade por ganhos econômicos desses grupos.

Por outro lado no mundo contemporâneo, entretanto, tendemos ao distanciamento dos conflitos armados de dimensões mundiais. Ao invés disso, infelizmente, há uma proliferação de conflitos localizados regionalmente, além de uma crescente violência urbana. Em ambos os casos utilizam-se armas de fogo, as quais movimentam cerca de 4 bilhões de dólares ao ano no mercado formal (HILLIER, 2005). Logo, a questão do conflito humano e do território está ainda muito presente na experiência cotidiana do século XXI e é bem possível que ambos ainda apresentem correlações importantes.

Na busca por tentar solucionar a questão do humano na sua relação com o território o geógrafo alemão Frederich Ratzel (grande precursor desta discussão, considerado o pai da geografia humana e da geopolítica), formulou teses que até hoje são controversas para o entendimento geográfico. Entre elas merecem destaque a ideia de “espaço vital” que na concepção ratzeliana pode ser traduzida como a necessidade de sociedades desenvolvidas de ampliarem seus domínios territoriais. Uma colocação não arbitrária de Ratzel define que há uma unidade telúrica formada entre o ser humano e o território e este é talvez o seu grande achado. Nas palavras de RATZEL (1990, p 35):

“Aqueles que se interessam pelo modo como o homem passou do estado de natureza ao estado social negligenciaram o elemento geográfico, representado pela união de indivíduos singulares, com o objetivo de adquirirem maior força e

Morro acima: especulações sobre o território a partir do filme “Além da Linha Vermelha”

segurança, e pela conseqüente fusão das suas porções de território”.

Afirmações como esta surgiram, no entanto, no contexto da unificação alemã. Os promotores da formação deste Estado Nacional sabiam do “atraso” germânico em relação a outras nações europeias no que refere-se à conquista de territórios coloniais. Em alguma medida ao pensamento de Ratzel associou-se ao nacionalismo e o expansionismo pangermânico que acabou por redundar mais tarde nas duas grandes guerra mundiais. Depois disso a Geografia não foi mais a mesma, pois a partir de então tornara-se objetiva a sua importância para o Estado no que concerne ao seu *status* de conhecimento estratégico. A geografia servia antes de mais nada para fazer a guerra, como afirma o título do livro de Yves Lacoste, não só no sentido da organização das operações militares, mas também no que diz respeito ao controle do território como afirma Lacoste (1988).

Como afirmado anteriormente, os conflitos bélicos apenas mudaram de escala, pulverizando-se em espacialidades menores. Aqui temos então duas interpretações possíveis, bastante otimistas. A primeira define que se mantivermos esta tendência de comprimir espacialmente a violência, na medida em que os limites territoriais dos Estados tornam-se mais permeáveis a diversos fluxos (de informação, capitais e pessoas), poderemos vislumbrar efetivamente um paradigma de construção de uma sociedade humana efetivamente multiétnica, multicultural e planetária em função da difusão de diversas redes territoriais, menos hierarquizadas e repletas de entrecruzamentos as quais Haesbaert chamará de multiterritorialidade¹ (HAESBAERT, 2004b).

Os fluxos humanos dentro destas redes multiterritoriais representam uma realidade para poucos, sendo embrionário, e majoritariamente simbólico o estabelecimento de uma identidade

¹ Este autor coloca que toda relação social implica numa interação territorial, a qual sempre foi variada, porém na atualidade o aumento dessas opções de territórios a serem experimentados tornou essa variedade muito maior (HAESBAERT, 2004b, p.344).

planetária (HAESBAERT, 2004b). De qualquer forma, observa-se que as redes de fluxos de pessoas se consolidam pelo mundo e tendem a aumentar na medida em que os países do sul melhoram aspectos como renda e educação (dois elementos básicos para a inserção nesse fluxo). Esta é uma face positiva do mundo globalizado que se dá a despeito do aumento da vigilância governamental sobre esses fluxos humanos como podemos observar através do combate ao terrorismo; a outra interpretação diz respeito ao possível distanciamento de liquidação instantânea da espécie humana pela eclosão de uma guerra que envolva armas nucleares, ainda que em tese a crise ambiental possa nos ameaçar enquanto espécie, mas de forma mais gradual.

Sobre a questão da violência pulverizada, difusa, sobretudo nas grandes metrópoles, seguindo a raciocínio ratzeliano da “união de indivíduos” objetivando mais força e segurança conformados sob um dado território, podemos colocar que a coesão entre diferentes grupos que formam a nação apresenta ligação muito tênue uma vez que observamos principalmente nas grandes metrópoles uma aguda manifestação de fragmentação social. A violência pode ser neste contexto considerada como reativa da falta de coesão social sobre o território no moldes de Ratzel. Este fenômeno de fragmentação territorial é explicado por Lefebvre no processo de assunção pelo capital do valor de troca do território, em detrimento do seu valor de uso, transformando o espaço em objeto de consumo, em inúmeras unidades intercambiáveis, e com isso o espaço orgânico, o espaço natural, reduz-se praticamente a uma abstração. Em resposta a isso, reafirma-se a singularidade do espaço personalizado e coletivizado, surgindo conceitos orgânicos de interação espacial como espaço pessoal, residencial e global, eis a chamada explosão espacial (Lefebvre apud GOTTDIENER, 1997).

Tributárias dessa explosão espacial podemos citar as múltiplas reivindicações territoriais ou sobre o território, reivindicações essas diversas também em escalas, as quais irão renovar inclusive o fazer da ciência geográfica.

Finalmente sobre nossa análise do território correlacionada aos conflitos territoriais ainda é válido destacar as contribuições de outros dois geógrafos: Claude Raffestin e Yi-Fu Tuan. Ainda que dêem enfoques diferentes as suas investigações geográficas, esses

autores vinculam-se aos novos ramos de investigação geográfica citados anteriormente e são importantes aqui, pois suas abordagens rompem com o paradigma positivista de análise do espaço o qual se resumia a uma descrição pontual do objeto de pesquisa sem considerar aspectos do sujeito na análise.

Raffestin (1993) abordou o território propriamente dito sob o viés do poder ou mais especificamente questionou como se constitui e se consagra a assimetria de poder na organização territorial. Segundo Raffestein (1993, p. 150) a organização espacial de indivíduos ou grupos “conduz a um sistema de malhas, de nós e redes que se imprimem no espaço e que constituem, de algum modo o território”. Este sistema é composto de diversas representações territoriais correlatas aos objetivos dos agentes envolvidos. Essas representações, múltiplas, não fazem o sistema aleatório, na verdade elas se adaptam a uma hierarquia estabelecida dentro desse sistema, pois a sua existência através de “tessituras, nós e redes organizadas hierarquicamente permitem assegurar o controle sobre aquilo que pode ser distribuído, alocado e ou possuído” (Idem, p. 151). Este seria o elo entre poder e território, onde a coesão territorial envolveria “circuitos” que garantiriam a manutenção de uma determinada ordem ou mando, mas onde todos os agentes envolvidos desenvolvem táticas e estratégias sobre o território. Trata-se da teoria da comunicação aplicada a uma análise crítica do espaço.

Por outro lado, Tuan (1980) aborda a questão relativa a como se constitui a idéia humana de espaço, como o ambiente influencia nossos valores e como estes últimos podem modificar o ambiente. O autor não fala do território propriamente dito sobretudo na sua dimensão política, o relevante em sua análise é a emergência da dimensão simbólica na análise espacial. Ele ainda define que nossas concepções espaciais tendem a ser influenciadas pela centralidade do ego. Esta influência pode se dar tanto individual como coletivamente e é provavelmente um traço humano universal. Esta centralidade coletiva é chamada etnocentrismo (é possível relacionar este autor a Ratzel no sentido do ser humano nunca prescindir do meio ambiente terrestre, evidenciando a chamada unidade telúrica). O etnocentrismo por sua vez manifestou-se em praticamente todas as grandes civilizações dos chineses aos egípcios e mais recentemente atingindo

os europeus. Esta é uma entre outras formas de percepção do sujeito que apreende o espaço. Nesse sentido talvez seja válido colocar que a manutenção do etnocentrismo (que pode confundir-se nesse caso com a identidade nacional) se dá na centralidade que esta forma de espacialização manifesta, contribuindo para a manutenção da cultura e das identidades dos indivíduos no contexto de um mundo que se interliga globalmente e impõe a esses grupos dinâmicas de espaço-tempo estranhas a eles (Hall, 2001).

Não tão objetivas são as manifestações onde o sujeito associa valores a determinadas paisagens. Uma interpretação do deserto como ambiente que produz calma naquele que o contempla refere-se a um exemplo arbitrário, pois pode a interpretação ser diversa a esta, variando de um indivíduo para outro, ou de um grupo para outro. O fato é que o ambiente determina valores no ser humano, ou seja, a imagem ambiental para a espécie humana não condiz com a real e este é o ponto de contato entre estes dois autores.

Tuan analisa o que está implicado nas relações humanas com o ambiente, realizando para isso um inventário sistemático das formas de percepção ambiental. A leitura desse autor desnuda uma epistemologia dos nossos próprios vínculos territoriais, temos daí a impressão de acessar um menu de possibilidades em termos de reinvenção de nossas relações com a Terra e, por que não, com próprio o território.

Em contraposição, Raffestin se debruça sobre como nossa concepção dos objetos espaciais desencadeiam ações que produzem tessituras, união de pontos conformando redes, estratégias de atuação sobre o sistema territorial, evidenciando uma geografia do poder. No mundo atual, os agentes, as estratégias de poder são muitas, as escalas por onde se conformam as redes, como já dito, são múltiplas também e seus alcances estarão relacionados à capacidade de acesso e uso de informações por parte dos agentes envolvidos. Com isso a percepção tradicional acerca do ambiente pode ser afetada. E nesse sentido influem as tecnologias globalizadas de informação e comunicação.

Aqui vale uma observação sobre cinema e geografia, ao cinema, forma de arte, mas também de mídia, podemos relacionar a geografia naquilo que caracteriza a ideia de geografia cinematográfica. Podemos dizer que esta geografia seria aquela onde

se dão os estudos e os encontros com a dimensão espacial, dimensão na qual os personagens de um filme agem. Tal espaço, por sua vez, seria composto de territórios, paisagens e metáforas: dentro e fora, amplo e restrito, subir e descer, movimentos diagonais, fronteiras diversas, percursos por estradas, rios e oceanos interiores, ambientes simbólicos traduzidos em florestas, desertos, montanhas, cidades (OLIVEIRA JÚNIOR, 2005). Também é válida, pois se associa a esta interface do cinema com a geografia, a vinculação do território com o conceito de paisagem.

Território e paisagem se ligam principalmente através daquilo que poderíamos chamar aqui de territorialidade, isto é, da identidade do sujeito com o território. Aqui nos interessa abordar a territorialidade mais no sentido de manifestar o sentimento afetivo do sujeito para com um dado ambiente, o qual Yi-Fu chama topofilia. Podemos dizer que um dado território pode estar repleto de paisagens que manifestam sentimentos de pertencimento por parte de seus observadores. A topofilia por sua vez dependerá da educação do sujeito (aqui educação é entendida como os meios disponíveis e generalizados por uma sociedade para o conhecimento do mundo), dos valores e história do grupo que o envolve e isso irá interferir nas relações entre diferentes porções do espaço experimentado, isto é, um lugar receberá um signo positivo específico quando relacionado a outros ambientes.

Por fim é válido destacar que as observações sobre o território aqui apresentadas não foram abordadas sob o viés epistemológico que as qualifica enquanto abordagens materialistas, idealistas, relacionais ou integradoras conforme segmentação de natureza filosófica elaborada por Haesbaert (2004a). Concebemos que as diferenciações nas abordagens aqui trabalhadas se apresentam com um grau suficiente de objetividade para cumprir com o foco de nossa análise no presente estudo. E as formulações teóricas tais como diferentes estratégias sobre o espaço, unidade telúrica, etnocentrismo geográfico e explosão espacial podem ser relacionadas na sua variedade, no que se refere ao território, pois estas formulações dialogam com as diferentes perspectivas dos personagens do filme *Além da linha vermelha* (1998) que nesse caso faz-se um excelente referencial sintético para interpretações geográficas as quais de outra

forma, dificilmente poderiam ser analisadas sobre outros objetos específicos da realidade.

CONFLITO, ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS E PERCEÇÃO EM “ALÉM DA LINHA VERMELHA”

Primeiramente fazemos algumas observações no sentido de contextualizar a obra cinematográfica do diretor Terrence Malick, sem que façamos crítica de cinema. Buscamos com isso facilitar as interpretações a serem feitas a seguir. Malick, diretor, argumentista e produtor de cinema estadunidense, dirigiu poucos filmes em sua carreira. Antes disso, ele chegou a lecionar filosofia no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (o famoso MIT, em inglês). Esteve na Alemanha onde conheceu o filósofo Martin Heidegger. Essa trajetória terá marcas no seu cinema, cinema este de profundos questionamentos existências traduzidos para a tela². O filme *Além da linha vermelha* é um bom exemplo disso, mas que trará ainda questionamentos que dizem respeito concepções de natureza e é aí que buscaremos realizar a análise sob a ótica geográfica. O filme vincula cinema e filosofia, mas nós aqui resolvemos dar maior dimensão ao cunho geográfico implícito no mesmo.

“O que é essa guerra no coração da natureza?” eis a frase inicial do filme, o qual é todo entrecortado por comentários desconcertantes conduzidos principalmente pela fala do soldado Witt (Jim Caveziel). Este atua como um filósofo junto ao espectador, levantando perguntas acerca de nossa relação com o mundo. O mais relevante aqui é que muitas destas observações são passíveis de uma profunda análise geográfica. A guerra é o estopim dessa postura contestatória junto ao mundo. Nesse contexto o telespectador observa os diferentes graus de informações sobre o acontecimento dado, e como os diferentes agentes reagem a partir daquilo que sabem sobre sua manifestação espacial. As manifestações dos

² Para um maior aprofundamento na relação entre o cinema de Malick e a filosofia recomendamos um artigo que trata especialmente da relação da filosofia de Heidegger e o cinema deste diretor (SINNERBRINK, 2006).

personagens no “front” irão dar relevo a perguntas que se destacam como a tônica do filme.

No filme temos o estranhamento dos soldados estadunidenses diante de uma interação forçada e fatal, expressa pelo estranhamento com o espaço geográfico (ilha), com o povo local (nativos) e é claro como o próprio inimigo (nipônicos). O traço divisório quanto ao uso do território pode ser feito separando-se nativos e o personagem Witt (como agentes que maximizam o simbolismo no espaço, o uso do território para a vida comunitária) x militares (objetivam a conquista do território enquanto base material a qual deve ser dominada para servir às trocas econômicas).

Estes questionamentos no âmbito da governança dos países aplicam-se sobretudo no que refere-se a necessidade de superação dessas dicotomias (território simbólico x material, para o uso x para troca), de modo que estes países busquem um protagonismo econômico equilibrado no espaço mundial e ao mesmo tempo satisfaçam as aspirações simbólicas das suas nações. Nesse sentido, talvez seja oportuno destacar as possibilidades das relações internacionais Sul-Sul, sobretudo, entre países emergentes, que necessitam se desenvolver transformando suas paisagens naturais abundantes e mobilizando grupos sociais heterogêneos (contingentes humanos urbanos, rurais ou mesmo tribais) em franca desigualdade no que tange a integração ao espaço tecnológico, de permanente urbanização e de competitividade exacerbada no processo de globalização (SANTOS, 2001).

O filme enseja um descompasso entre o meio (guerra) do qual os Estados se utilizam para manter a hegemonia das suas respectivas nações com os seus respectivos simbolismos e valores. Este desajuste é evidenciado, pois o soldado acaba reconsiderando a sua identidade e valores na ação que faz parte da estratégia de Estado. Hoje buscasse ratificar, como afirma Rogério Haesbaert, uma proposta onde na construção de territórios não estão implicadas apenas a sua funcionalidade de exploração econômica e dominação política, mas também a constituição de espaços de apropriação e identificação social, em que contemplem as identidades dos grupos envolvidos (HAESBAERT, 2004b).

O personagem/narrador Witt, logo no início do filme, se afasta da tropa junto de outro soldado, durante a operação de guerra, para viverem em uma ilha do pacífico junto aos nativos. Aí podemos perceber um contraste agudo entre o objetivo maior da presença estrangeira nessas ilhas que é a conquista das posições japonesas pelas tropas aliadas e o objetivo de Witt. Este, assim como os demais soldados, é marcado pelo grande estranhamento do mundo, peculiar a sua pouca idade e ainda intensificado pelos clamores da guerra. A escolha pela deserção para Witt diz respeito a sua vontade de descobrir o mundo e conviver com ele a sua maneira. Entremeadas às cenas de violência próprias de um filme de guerra, vemos cenas idílicas do soldado vivendo harmoniosamente com os nativos e estabelecendo um contato físico direto com o meio ambiente, esse clima é reforçado pela trilha sonora que mostra cantos típicos daquela região (as músicas melanésias são exemplares na criação dessa “atmosfera”). Aqui há espaço para uma análise da geografia cinematográfica. Trata-se da paisagem sendo lida, ora causando repulsa e perplexidade, ora causando conforto. Muito embora, retiremos esta metáfora do filme, em nada isso difere da realidade onde as transformações espaciais terão influências ontológicas dadas.

Especulativamente poderíamos afirmar que as cenas vistas no filme, especificamente aquelas que remetem a Witt, personagem de Jim Caveziel, na praia convivendo pacificamente com os aborígenes (Figs.1 e 2), nos seriam agradáveis devido a aspectos geográficos manifestos pela paisagem da praia, pois é provável que a praia seja um local privilegiado em nossa memória por ter “sido uma das primeiras moradas da humanidade na África” (TUAN, 1980, p. 132). E aqui esse apontamento tem um paralelo com o trabalho de Oliveira Jr. (2002, p.290), para quem a África tem também um papel importante na evolução geológica e biológica do planeta: “Este continente é o único que permanece parado, estável, desde a formação do primeiro grande bloco rochoso, o Gondwana. Foi deste bloco original que se desmembraram as atuais terras que formam os outros continentes: Antártida, Eurásia, Américas e Oceania”. O filme nos convidaria a pensar sobre o que está implicado na nossa sensação de bem estar ao contemplar tais paisagens. Com o que nos identificamos quando contemplamos a paisagem natural?

Morro acima: especulações sobre o território a partir do filme “Além da Linha Vermelha”

É claro, por outro lado, que o ambiente de guerra intensifica o contraste territorial, com isso nos inclinaríamos a realizar um juízo de valor no que diz respeito ao uso do espaço (tendo a guerra como paralelo, o “comunismo primitivo” dos aborígenes torna-se mais tocante). De qualquer forma o filme parece mostrar que existem correlações fortes entre a qualidade das relações sociais e as ambientais, evidenciando a unidade telúrica exposta por Ratzel, ou seja, num ambiente onde o grupo tribal extrai de maneira equilibrada os recursos para a sua reprodução, as relações interpessoais tendem a ser mais harmoniosas (podemos deduzir isso pelas cenas dos momentos de lazer aborígene ou de culto religioso mostrados no filme).



FIGURA 1 –Soldado Witt (primeiro sentado da direita para a esquerda Jim Caveziel) cercado de crianças e outro soldado na praia, em cena extraída do Filme Além da Linha Vermelha (MALICK, 1998).

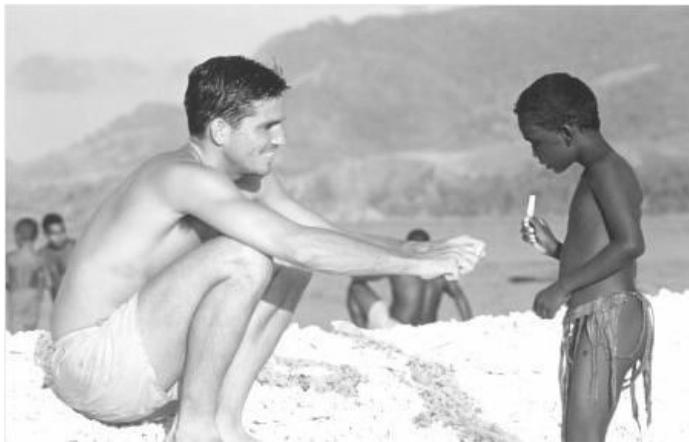


FIGURA 2 – Witt (à esquerda) interage com criança nativa na praia, em cena extraída do Filme *Além da Linha Vermelha* (MALICK, 1998).

Por outro lado é no próprio Ratzel que podemos analisar o porquê do intervencionismo militar com fins territoriais atravessando a bucólica vida tribal. Ratzel afirma que o expansionismo é uma decorrência do estado de arte desenvolvido de uma sociedade. Em função do seu avanço tecnológico, ela necessita ampliar o seu território. Esta é uma de suas colocações mais controversas, sendo, entretanto, uma tese bastante adequada ao contexto da unificação alemã. O baixo desenvolvimento técnico, nesta abordagem, seria a justificativa do equilíbrio sócio-ambiental de uns, sendo o avanço tecnológico uma justificativa para a expansão territorial.

Ainda no que toca a contrastes geográficos, no filme, território e paisagem são dois conceitos geográficos que expressam esta diferenciação. A “paisagem” específica da guerra é percebida no filme de forma bastante incongruente com o espaço que apresente uma composição usualmente tida como bela (mar, praia, morros verdejantes, tudo isso numa ilha). Também se vê pela lente do diretor, tal contraste da guerra com a vida dos nativos, membros de uma sociedade não tecnológica para quem “o ambiente físico é o teto protetor da natureza e sua miríade de conteúdos,..., sua visão de mundo reflete os ritmos e as limitações do meio ambiente natural” (TUAN, 1980, p. 91). O que é destacável dessa experiência, não é a

sugestão de viver sem tecnologia para nos harmonizarmos com a Terra, mas sim estabelecermos uma relação global com ela e não dualista (na acepção natureza e sociedade), bem como não fragmentada (social e territorialmente). Embora o sentimento topofílico seja manifesto em porções localizadas da superfície terrestre, se propõe aqui uma reflexão para a constituição de uma topofilia planetária, correlata a noção de identidade planetária, onde todos os lugares fossem dignos de apreciação e conservação; e seus habitantes, quando houvesse algum, fossem valorizados e respeitados nas suas especificidades culturais.

Seguindo a linha do filme, depois de serem reintegrados à tropa, Witt e seu companheiro são encaminhados junto dos demais soldados para a tomada da ilha. Como já mencionado, a tropa, assim como grande parte do exército, é formada de jovens soldados que nunca estiveram em um campo de batalha. Para criar ainda mais tensão sobre a psicosfera deste espaço, o filme expõe a divergência de táticas na operação de tomada da ilha.

A tática do Coronel Tall (Nick Nolte) reflete uma visão tradicional sobre o território onde a “natureza é dura” e nela encontramos justificativas para dominar o espaço e garantir a sobrevivência, destacando uma visão naturalista (instrumentalista, do espaço vital ratzeliano) acerca do território. O outro, no caso os soldados, são mera fonte de recursos ou apenas objetos no desenvolvimento das ações que partem do alto comando militar sobre o sistema territorial. A visão do Capitão Staros (Elias Koteas), está baseada nas suas inclinações religiosas e, a partir delas, guia sua conduta pelo respeito à vida de seus soldados. Em segundo plano para ele está a garantia dos objetivos militares, os quais apresentam uma definição formal sobre o território, nomoespaço. Já numa visão sobre o território que valoriza a identidade grupal sobre o mesmo, genoespaço, estão as que implicações que definirão outras estratégias de ação sobre o mesmo sistema territorial, representadas pela estratégia do Capitão Staros. Assim enquanto um quer avançar a qualquer custo sobre o território, o outro mostra se mais preocupado com as relações que se dão sobre ele, ainda que em detrimento dos objetivos militares.

Importante notar que, segundo Lacoste (1988) a Tática é sempre pensada em escala menor (escala local e, também, visando um objetivo mais simples) do que a Estratégia. Isso fica claro quando a conjuntura da guerra é explicada ao coronel Tall no barco antes do desembarque na ilha (16min08seg). A *estratégia* nesse caso é liberar a passagem pela Austrália que foi bloqueada pelos Japoneses e a *tática* é a tomada das ilhas, em especial a ilha de Guadalcanal, uma das ilhas Salomão. Este é um jogo escalar que expõe as ações sobre o sistema territorial, as quais são altamente permeadas pelo poder e configuradas de forma hierárquica, tendo a informação papel relevante na condução das ações.

A tomada direta do morro inicialmente mostra-se um fracasso. Um ambiente de terror e massacre explícito (evidenciado pelas baixas dos soldados) é visível na parte inferior do morro. Estas cenas contrastam com a beleza da paisagem da encosta verde do mesmo. A tomada do morro desencadeia uma fragmentação das relações sociais entre os soldados, a morte nessa ocasião suscita mais o isolamento e o questionamento frente ao idealizado em contraponto ao vivido na experiência da guerra. É destacável a fala do Sargento Welsh (interpretado por Sean Penn) que em discussão com o Capitão Staros afirma: “esta bagunça toda é à respeito de propriedade”. Aqui temos um momento de evidência do contraste entre o território enquanto espaço do valor de uso e do valor de troca. A guerra nesse caso nada mais é do que um recurso para a ação do Estado capitalista na efetivação do seu propósito de sustentar o sistema de trocas em favor dos agentes hegemônicos.

O morro é conquistado e, posteriormente, o entreposto japonês na floresta é dominado. A humilhação do inimigo é uma forma de compensação pelas perdas dos parceiros e o sucesso da operação comunica não apenas a vitória de um exército, mas a legitimação da guerra como alternativa viável, uma linguagem válida no mundo. Tal como linguagem, a guerra localiza-se num espaço-tempo, e “como sistema de significados, manifestando poder, sendo um meio de encenar o espetáculo do poder como afirma Raffestin (1993).

A morte do personagem Witt, que tacitamente morre pelo grupo, despistando o exército japonês do rastro do seu pelotão (2h34min), trás consigo um símbolo de falência, a língua não expressa mais união no grupo. A partir daí nas falas apenas se

maximiza uma comunicação em detrimento da sua capacidade de comunhão como coloca Raffestin. A diminuição da capacidade de comunhão em relação à de comunicação da linguagem, liga-se a outra oposição, onde ocorre a assunção da exterioridade/sociedade e a perda da interioridade/comunidade. Por fim fica evidente que um sistema de representação do mundo torna-se hegemônico entre os personagens, ainda que existam potencialmente outras perspectivas e estratégias de ação sobre o espaço. Com isso uma estrutura espacial é mantida e com ela é garantido um determinado uso do poder. Percebendo tal controle sobre o território, o sargento Welsh (interpretado por Sean Penn) manifesta a sua perplexidade e insatisfação diante de um axioma espacial que conduz a formas dirigidas de existir. Assim ele define, referindo-se aos senhores da guerra/agentes hegemônicos, “eles te querem morto ou na mentira deles”, mas contrapõe seu comentário afirmando, “só há uma coisa que um homem pode fazer,..., encontrar algo que é dele, fazer uma ilha para si mesmo” e nisso está implicado um desejo profundo de re-territorialização, mas uma nova territorialização carregada de uma topofilia, uma ligação afetiva com o ambiente que implique numa forma melhor de se relacionar com a natureza e com o outro. A questão é, será que se pode obter isso sozinho?

CONCLUSÕES

Como conclusões tiradas a partir da relação dos personagens do filme com o território, podemos nos deter primeiramente aos pólos básicos contrastantes em termos de concepções do território onde:

1) o personagem Witt estabelece uma ligação com o território que não pressupõe a sua apropriação e o correlato estabelecimento de delimitação jurídica adequada a esta apropriação. Manifesta o que Gomes (2006) chama de *genoespaço* ou aquela relação com o território onde a demarcação do último é estabelecida mais pela influência da identidade de um dado grupo do que pela formalização

jurídica do território (tal territorialidade para Witt parece envolver a humanidade inteira, pois cada pessoa, segundo ele, faria parte de “um grande ser”, expondo de forma indireta uma espécie de territorialidade mundo).

2) por outro lado, do ponto de vista das estratégias do exército, o território é tido como espaço vital a ser conquistado/controlado pela nação que se desenvolve, sendo necessário seu expansionismo. Esta perspectiva é manifesta na concepção do Coronel Tall no filme.

Já no que diz respeito aos conceitos geográficos analisados por aspectos contextuais interpretados através de situações colocadas no filme, podemos definir que a topofilia, ou afeto dirigido ao ambiente, manifesta através de cenas protagonizadas pelo personagem Witt, na praia principalmente (Figura 1), nos induzem a estabelecer uma idéia de paisagem harmônica na conexão dos elementos naturais e artificiais presentes na mesma. A partir disso podemos dizer que seria oportuno que a preservação ambiental ganhasse mais em sua conotação simbólica, e não apenas a de ordem biológica, de modo que também agregasse a idéia de topofilia, ou afeto sobre o ambiente, pois parece haver na contemplação humana da paisagem rica de elementos naturais, alguma espécie de identificação com um espaço-tempo longínquo, aonde, talvez, não houvesse uma separação tão marcada da história humana em relação à história natural da Terra.

O filme também mostra relações de indivíduos diferentes, marcados pela influência da guerra. Sobre o contato entre indivíduos de diferentes identidades nacionais e por sua vez territoriais podemos concluir a partir do filme que a concepção de novas experiências espaciais tem papel importante na construção da identidade do sujeito, na forma como ele percebe o mundo. Nesse sentido é decisiva a maneira como se darão estas novas experimentações espaciais de forma a ratificar ou dissolver contrastes territoriais, segregando ou promovendo o contato entre nações e grupos diferentes, muitas vezes sob um território comum. Seria interessante que organismos internacionais estimulassem o estabelecimento de redes institucionais de fluxos humanos ao redor do mundo, ampliando o número de pessoas identificadas com uma solidariedade global.

Quanto ao sentimento topofílico, podemos concluir que ele é um fato e que ele se manifesta, ainda que não tenhamos uma fórmula para quantificá-lo, pois “o despertar profundo para a beleza ambiental, normalmente acontece como uma revelação repentina” (TUAN, 1980, p. 110). Logo, ainda que a topofilia seja carregada de subjetividade, os espaços onde ela se manifesta são conhecidos e o filme parece sugerir que o espaço-tempo oriundo de paisagens preservadas possui uma interferência profunda na percepção humana da qual não costumamos nos dar conta ao realizarmos nossos questionamentos acerca do espaço geográfico.

Portanto a preservação da paisagem, conceito pouco difundido no Brasil, deveria ser encarada com mais seriedade por parte dos Estados-nacionais, pois sua manutenção (a qual não implica em estagnação de atividades econômicas, mas sim na mediação estatal sobre estas últimas no que refere-se às transformações paisagísticas), além de propiciar o bem estar social, pode implicar na geração de empregos e renda em nível secundário.

Por fim, além da proposta de implementação da topofilia na preservação ambiental, da adoção da preservação paisagística nos países do sul e ainda a intensificação do fluxo internacional de pessoas sobre os diferentes territórios nacionais podemos concluir ainda que o filme de Terrence Malick, aqui analisado, se apresenta como painel que evidencia a fraqueza da alternativa territorial que envolve a violência objetiva da guerra, a qual dá relevo a fragmentação social e territorial oriunda de projetos de Estado limitados tanto no sentido da consolidação da identidade nacional, quanto no uso do ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Iná Elias. Geografia e política: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- GEIGER, Pedro. Ciência, arte e a geografia no cinema de David Lynch. Geosp - Espaço e Tempo. São Paulo, nº 15, pp. 11-18, 2004.
- GOMES, Paulo César da Costa. A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- GOTTDIENER, Mark. A produção social do espaço urbano. São Paulo: Edusp, 1997.
- HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. In: Ribas, A.; Sposito, E.; Saquet, M.. (Org.). Territórios e Desenvolvimento: Diferentes Abordagens. Francisco Beltrão: Editora da UNIOESTE, 2004a, p. 87-119.
- _____. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004b.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 6 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2001
- HILLIER, Debbie. Promovendo um tratado sobre o comércio de armas. Anistia Internacional, Rede Internacional de Ação para Armas de pequeno porte, Oxfam Internacional, junho 2005. Disponível em: http://www.iansa.org/control_arms/documents/att-bms-po.pdf.
- HUNTINGTON, Samuel P. O choque de civilizações: e a recomposição da ordem mundial. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. 455 p.
- LACOSTE, Y. A geografia : isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas, Sp: Papirus, 1988. 263 p.
- MONTEIRO, C. A. F. Geografia Sempre - O homem e seus mundos. Edições Territorial, 2008.

Morro acima: especulações sobre o território a partir do filme “Além da Linha Vermelha”

OLIVEIRA JUNIOR, W. Chuva de cinema: Natureza e Cultura urbanas. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas. Unicamp, Campinas, 1999. Orientador: Milton José de Almeida

_____. Rio Acima: Percursos pelo filme Apocalipse Now. Educação & Sociedade. Ano XXIII, nº 78, Abril/2002, p.287-295. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a16v2378.pdf>

_____. O que seriam as geografias de cinema?. TxT - A tela e o texto, v. 2, p. 10, 2005. Disponível: <http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto/revistatxt2/wenceslao.htm>

PORTUGAL. Decreto número 4/2005. Aprova a Convenção Europeia da Paisagem, feita em Florença em 20 de Outubro de 2000. Portugal: Diário da república. Número 31, 1^o.a série, parte A. 2005. Disponível: www.apap.pt/%5CANexos%5Cpaisagem1.pdf

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. Vila-floresta-cidade: território e territorialidades no espaço fílmico. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Unicamp, Campinas, 2009. Orientador: Arlêude Bortolozzi.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RATZEL, F. Antropogeografia. IN: MORAES, Antonio Carlos R. de. (Org.) *Ratzel*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

SANTOS, Milton. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SINNERBRINK, Robert. A Heideggerian Cinema?: On Terence Malick's *The Thin Red Line*. *Film-Philosophy*, v. 10, n. 3, 2006, pp. 26-37. <<http://www.film-philosophy.com/2006v10n3/sinnerbrink.pdf>>.

SPOSITO, Eliseu Savério. Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

VESENTINI, José Willian. Novas geopolíticas. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

TUAN, Yu-Fu. Topofilia. São Paulo: Difel. 1980.

FILMOGRAFIA

MALICK, Terrence. “Além da linha vermelha”. Estados Unidos, 1998.